

## OS DESAFIOS DA EXTENSÃO RURAL NO PRESENTE: O ENSINO DE EXTENSÃO RURAL EM QUESTÃO<sup>10</sup>

Valdo José Cavalet<sup>11</sup>

Com o agravamento da crise do modelo de desenvolvimento brasileiro, constata-se uma tendência crescente de questionamentos do ensino nas Universidades Brasileiras. A agronomia não foge à regra, até porque a crise do paradigma agrícola é uma das mais acentuadas.

A forma mais explícita desses questionamentos está na realização de eventos sobre o ensino de diversas áreas da agronomia. Nesse sentido gostaria de apontar alguns exemplos. A Sociedade Brasileira de Ciência do Solo em seu XXIII congresso, após todo um ciclo histórico de trato com o conhecimento científico da área em seus diferentes aspectos, decide pela realização de um evento específico de ensino de solos. O evento foi realizado em Viçosa em 1994. (Fontes: CARDOSO e CUNHA, 1995). Após aquele primeiro encontro, foi realizado o II Simpósio Brasileiro sobre ensino de solos, na Universidade Federal de Santa Maria, em novembro de 1995 e está sendo preparado o III Simpósio a ser realizado pelo CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica - em 1996 em Pato Branco - Paraná. Esse evento não será mais restrito ao ensino de solos, mas deverá questionar todo o ensino agrônomo. A Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural - SOBER, em seu último encontro nacional realizado em Curitiba no ano passado, abriu uma câmara especial sobre o ensino das disciplinas correlacionadas com o campo científico da entidade. Como esses, há outros exemplos. Faço o registro também deste "I Encontro de Ensino de Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável da Região Sul", que pelo próprio título e justificativas apresentadas no material de divulgação tem a mesma gênese dos demais.

O ensino de Agronomia tem sido muito mais no sentido de doutrinar os estudantes a serem fiéis servidores do ingrato modelo econômico aplicado no campo, do que na busca de desvelar a realidade e preparar o profissional para um saber politécnico, integral e adequado a uma sociedade desigual.

Conicionados pelo modelo de desenvolvimento excludente e pela educação instrumentalizadora de tal modelo, a massa dos estudantes e professores priorizam uma educação

<sup>10</sup> Palestra proferida no I Encontro sobre Ensino de Extensão Rural e Desenvolvimento Sustentável da Região Sul, realizado na Universidade Federal de Santa Maria nas datas de 26 e 27 de abril de 1996.

<sup>11</sup> Professor do Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Agronomia. Doutorando em Educação na Universidade de São Paulo.

mais especializada e adequada à difusão comercial dos avanços da Ciência e da tecnologia em detrimento de uma educação mais integral.

Enquanto a reprodução do avanço do modelo dependia de um profissional com as características de especialista e de difusor de tecnologia de ponta, não haviam muitas condições para discutir o papel da educação e do trabalho intelectual como fator de melhoria das condições de vida do conjunto da sociedade. Estamos vivendo um período de mudanças nessas condições. (CAVALET, 1995).

Quem convive com o cotidiano universitário sabe que há um afã muito grande de mudança curricular. Qualquer dificuldade, deficiência ou até inovação tecnológica é motivo para mudança curricular. (CUNHA, 1992).

Dentre as inúmeras "razões" para mudança curricular, o que não dizer da situação atual, onde além das dificuldades normais acrescenta-se a crise do modelo de desenvolvimento?

Essas situações: crise no modelo de desenvolvimento, crise no modelo de ensino, mudança de currículos, têm sido cíclicas na educação brasileira. E o mais interessante é que os questionamentos sobre a qualidade de ensino e sobre o papel do profissional junto a sociedade persistem, mesmo após essas mudanças.

As mudanças curriculares, em sua maioria, não obtiveram êxito porque têm se limitado a mudanças de conteúdos e a rearranjos de grade. E mesmo quando foram feitas alterações de conteúdos e inovações de grades, em exemplos estudados, os resultados sobre a formação geral do aluno foram praticamente nulos. (CAVALET, 1994)

É evidente que esses fenômenos que desencadeiam discussões sobre o ensino, bem como as mudanças realizadas nos últimos anos na busca de soluções, devem ser melhor estudadas.

É até recomendável que as discussões curriculares sejam iniciadas pelos questionamentos de áreas de conhecimento, disciplinas ou até departamentos, pois essa é a melhor estratégia para a participação e envolvimento dos professores, mas a limitação das mesmas à mudanças de conteúdo e de enfoque circunscritos à área, tem sido a receita histórica para frustrações e fracassos.

Nunca na história da agricultura houveram tantos avanços tecnológicos e tantos profissionais formados na área como nesses últimos anos, e no entanto, contraditoriamente, nunca houveram tantos problemas ecológicos e sociais como agora.

Não é possível continuar fazendo a apologia da ciência moderna, achando que o desenvolvimento científico e tecnológico por si só podem liberar a "humanidade" da miséria. Fica cada vez mais evidente que se deve buscar uma análise histórica-concreta da ciência e da técnica como produto de relações sociais determinadas.

A pergunta fundamental é como, nesse contexto acima, tornar a escola um instrumento de geração e difusão de conhecimento que beneficie o conjunto da sociedade.

Para FRIGOTTO (1991, 1992, 1993) e MACHADO (1991, 1992, 1993, 1994) a escola deve ir na direção de uma formação que tenha a dimensão científico-técnica, social, política, cultural e estética da formação humana, ou em outras palavras, na direção de um saber politécnico que tenha como princípio educativo o trabalho.

A Agronomia, enquanto educação formal, de nível superior, profissionalizante, está num caminho ao contrário do proposto: sua concepção do homem é unilateral; apregoa a divisão da vida e a concepção de ensino e educação se assenta sob a ótica do treinamento e adestramento para o mercado de trabalho.

A postura da escola frente as relações sociais de produção pode ser de doutrinar, ignorar ou desvelar a realidade. O normal é que as relações sociais decorrentes do modo de produção capitalista sejam reproduzidas pela escola, portanto as desigualdades sociais tendem a se agravar.

As escolas de agronomia no Brasil com destaque nas últimas três décadas têm doutrinado seus alunos a serem fiéis servidores do ingrato modelo econômico aplicado no campo, com resultados catastróficos para a ecologia e a sociedade.

O desafio é contruir uma proposta baseada num modelo pedagógico que possibilite a formação do que GRAMSCI sintetizou como sendo: A formação do técnico mais o político. (MANACORDA, 1990).

Com os impasses, que cada vez mais determinam a falta de perspectivas do modelo adotado, ao menos para a grande maioria da sociedade, abrem-se oportunidades imensas de realização profissional e humana na busca de novos paradigmas, onde a Ciência e a Tecnologia, como meio, e, subordinadas à ética, contribuam para a viabilização da utopia de uma nova sociedade.

A extensão rural, através desse encontro e de outros mais, conjuntamente com outras áreas de conhecimento, apoiada em sua experiência histórica de leitura da realidade rural brasileira e das reais demandas sociais do campo, pode contribuir decisivamente na busca e formulação de um modelo pedagógico que permita formar um profissional mais sintonizado com a necessidade de superação das diferentes injustiças de nosso país. Caso se restrinja a discutir apenas novos conteúdos e grade curricular, terá sido mais uma bela tentativa, dentre tantas coisas, de se colocar a Agronomia a serviço da sociedade.

**Bibliografia:**

- CAVALET, Valdo José. **Compromisso social do engenheiro agrônomo: a ética na agricultura**. São Paulo, 1994. Monografia apresentada na disciplina - O conhecimento em sala de aula: a organização do ensino, do curso de doutorado da USP.
- \_\_\_\_\_. **A formação intelectual e o mercado de trabalho**. Uberlândia: FEAB, 1995.
- CUNHA, M. I. **O currículo do ensino superior e a construção do conhecimento**. Curitiba: Ed. UFPR, 1992.
- FONTES, Luiz Eduardo; CARDOSO, Irene Maria; CUNHA, Carlos Alberto Lobão. **O ensino de solos em questão: documento final do I simpósio brasileiro sobre ensino de solos**. Viçosa: UFV, 1995.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Trabalho, educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica?* In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Trabalho, educação e prática social: por uma teoria de formação humana**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *As mudanças tecnológicas e a educação da classe trabalhadora: politecnicidade, polivalência ou qualificação profissional*. In: MACHADO, Lucília Regina de Souza; NEVES, Magda de Almeida; FRIGOTTO, Gaudêncio et al. **Trabalho e Educação**. Campinas: Papiurus, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A produtividade da escola improdutiva**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- MACHADO, Lucília Regina de Souza. **Politecnicidade, Escola Unitária e Trabalho**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade Industrial x Sociedade tecnizada: mudanças no trabalho, mudanças na educação*. In: CADERNO ANDES. **Educação e Trabalho**. São Paulo: ANDES, 1993. n.10.
- \_\_\_\_\_. *A educação e os desafios das novas tecnologias*. In: FERRETTI, Celso João et al. **Novas tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MANACORDA, Mário Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.